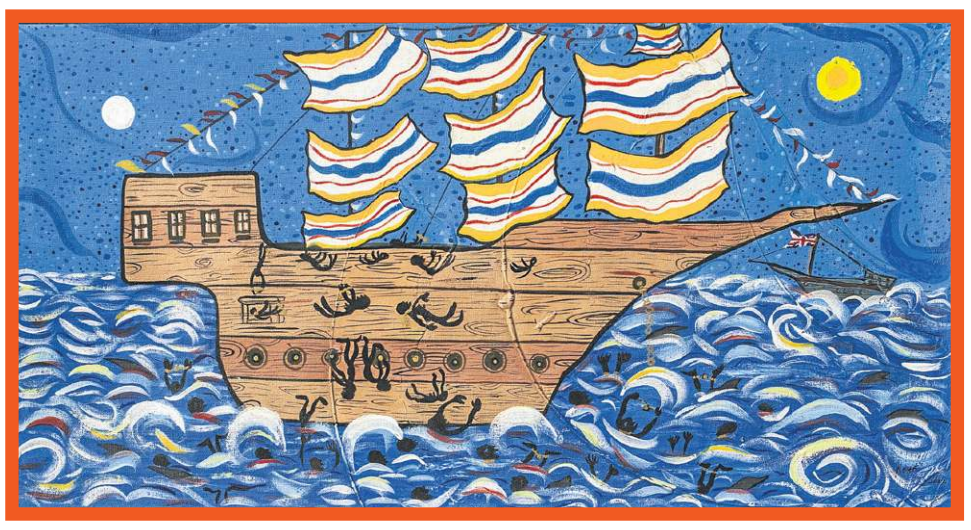
cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

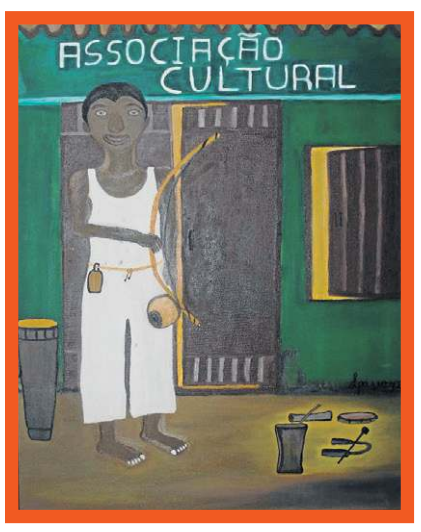
Correio Braziliense
Brasília, segunda-feira, 16 de novembro de 2026



A tragédia da escravidão é tema de Pedro Luis Ramirez Garcia em *La trata de esclavo*



O cubano Francisco Ravelo Calunga pinta mitos ancestrais em *La reina del Caribe*



A popular capoeira é um dos temas de Livia Passos

DO NAIF AO ABSTRATO

» NAHIMA MACIEL

Arte naif do Brasil e de Cuba se juntam a uma mistura de conceitos inspirados em arquétipos indígenas e africanos para tomar conta do Museu de Arte de Brasília (MAB) e do Museu Nacional da República a partir de amanhã com duas exposições idealizadas por artistas da cidade.

EXPOSIÇÕES NO MAB E NO MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA REÚNEM OBRAS DE ARTE NAIF E INSTALAÇÕES E PINTURAS INSPIRADAS NA ANCESTRALIDADE BRASILEIRA



A cerâmica de Gerson Lima está na exposição Mamáfrica

Fotos: Divulgação



As danças cubanas inspiram muitas da obras de Yanet Parra Garcia, que faz uma releitura em *Las pregoneras*

CONEXÃO CUBA-BRASÍLIA

O grupo Bayati é conhecido por retratar um cotidiano particular da região de Santiago de Cuba, cidade histórica importante do sudeste da ilha. Formado por um grupo de agricultores e trabalhadores da comunidade, todos autodidatas, o Bayati é conhecido pelo estilo naif e pela mistura de temas culturais e sociais típicos da região. O produtor e curador Odécio Rossafa ficou encantado quando se deparou com a produção desses artistas, em 2022, durante uma viagem para promover uma exposição de 53 artistas brasileiros em Cuba. É de lá que ele trouxe as obras de *Mamáfrica*, que ocupa o MAB a partir de amanhã com 80 obras de 68 artistas brasileiros e cubanos.

É uma produção variada, que explora temáticas comuns aos dois países. "Nossa cultura brasileira tem muita similitude com a cultura cubana, os escravizados que vieram para o Brasil são da mesma região dos que foram para Cuba, então lá tem muita santeria, salsa rumba, e aqui temos o samba", explica Odécio. "As obras retratam essa herança, com quadros que falam da gastronomia, de pentear os cabelos e fazer as tranças, das colheitas, presente tanto na arte naif brasileira quanto na cubana, das festas religiosas".

Fundado em 1994, o coletivo Bayati reúne artistas que moram, principalmente, no vilarejo Julio Antonio Mella, nos arredores de Santiago de Cuba. Eles se reúnem todos os domingos em um ateliê coletivo onde fazem exposições e desenvolvem trabalhos de formação cultural. O expoente mais conhecido do grupo é Luís Joaquim Arias, padeiro que, durante 45 anos, abasteceu a vila enquanto pintava o mundo rural com um trabalho marcado pela luz e pela profundidade. As mulheres e as danças ancestrais cubanas são as protagonistas das pinturas de Yanet Parra e Zuniga Batista, que pintou até a morte, aos 84 anos, e trouxe para as telas a santeria e a religiosidade de matriz africana.

Entre os brasileiros estão o mestre Willi de Carvalho, que tem como tema as festas brasileiras, incluindo aí o carnaval, os festejos populares das favelas do Rio de Janeiro e as celebrações religiosas. Organizados em painéis de resíduos têxteis, os bordados de Vânia Cardoso contam histórias tradicionais. Presidenta da Congada de São Benedito de Socorro (SP), a artista é filha de costureira da zona rural e levou para a arte o o ofício com o qual sempre sustentou a própria família. Uma produção naif importante da Paraíba, com trabalhos de 10 mulheres que colocam em primeiro plano as críticas sociais, o feminicídio, o machismo e a misoginia, também está na exposição. "Elas trazem toda essa pegada de fortalecer os processos de construir uma sociedade mais livre e justa", avisa Odécio, que incluiu ainda na coletiva 10 obras do artista Codo, cujas pinturas retratam a independência do Brasil à luz do movimento independentista de 2 de julho da Bahia, com uma homenagem à escravizada Maria Felipa, símbolo da luta do povo preto baiano.

» BRASÍLIA CRIATIVA

Como parte da programação de *Mamáfrica*, o MAB recebe o Galpão das Artes, que une arte e gastronomia em um espaço dedicado a artistas e produtores da cidade. Participam do galpão o Coletivo MOTIM, o Coletivo Arte do Encontro, o Ateliê Denis Piff, o Ateliê Denise Pamplona e o Coletivo Linhas da Resistência, entre outros. Os sabores do Cerrado são as estrelas da agenda gastronômica, da qual participam o Acarajé da Rosa, o Flor e Mel, a Fazenda Barthô, a Cervejaria Artesanal Dona Maria e Sabores de Cuba.

RAÍZES BRASILEIRAS

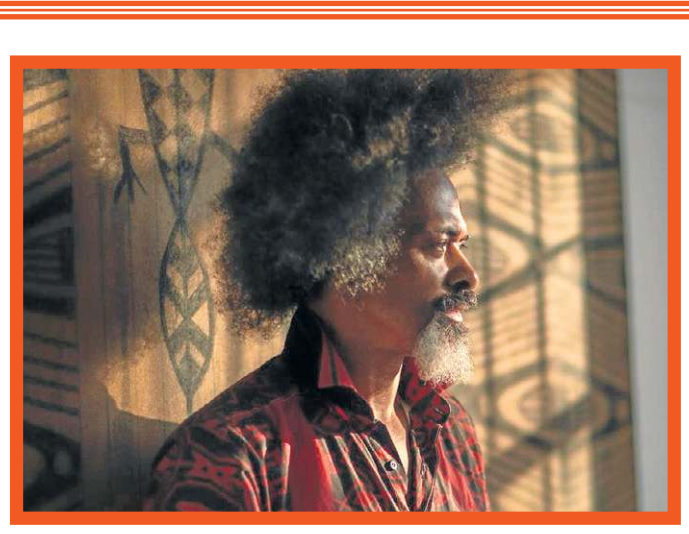
Josafá Neves mergulhou na história do Brasil e do Cerrado para criar as peças de *Arquétipos Afro-Indígenas*, que ocupa a galeria principal e o mezanino do Museu Nacional da República a partir de amanhã. Dos ipês amarelos, calangos e antas às comunidades indígenas e quilombolas que ocupavam as regiões do DF, o artista quis contar uma história que, segundo ele, não recebe atenção suficiente da maioria dos brasileiros.

Uma série de sete dípticos de pinturas geométricas, uma instalação gigante com uma canoa de 5X30m vinda do Xingu e outra com alguidares e ferramentas dos orixás Exu e Ossanha, além de dois paineis de cerâmicas formam a exposição, que tem ainda um painel de 9x2m feito com pigmentos de urucum e outro sobre lona que denuncia o estrago das queimadas no cerrado. "A exposição se chama *Arquétipos afro-indígenas* porque trago essas duas questões da construção do nosso país, que começa, como todo mundo sabe, com os povos originários que já estavam aqui", explica o artista. "Faço a relação do material com essa história."

Fotos: Divulgação



Pigmentos naturais feitos com plantas do Cerrado são a base das pinturas de Josafá



Falar das ancestralidades africana e indígena foi o ponto de partida do artista

Todas as obras são inéditas e foram criadas para a exposição. Josafá trabalhou com pigmentos feitos com materiais naturais, como urucum e jenipapo, utilizados nas composições geométricas que lembram os grafismos de certos povos indígenas, mas também na tela de 2X4m na qual representa animais do cerrado em fuga de uma queimada. "Nasci no cerrado, no Gama, entre as cobras corais, os calangos e as queimadas. Esse quadro é uma denúncia sobre esses incêndios criminosos que acontecem todo ano e que a gente precisa olhar com mais cuidado. O bioma do Cerrado é tão rico quanto o da Amazônia, então é muito importante falar sobre isso", diz o artista.

ARQUÉTIPOS AFRO-INDÍGENAS
Exposição de Josafá Neves. Curadoria: Marcus Lontra. Abertura amanhã, às 19h, no Museu Nacional da República.w